

**PROJETO EM ANTROPOLOGIA APRESENTADO PARA O DOUTORADO  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**EMERSON HIDEKI HANDA**

**RETOMADA DE PIRÁ KWARA**

**CURITIBA**

**2023**

## RETOMADA DE PIRÁ KWARA

**Linha de pesquisa: Etnologia e povos tradicionais: história, territorialidade, cosmologia e política**

### 1. INTRODUÇÃO

O presente projeto pretende elucidar de maneira prévia e ampla uma possibilidade de pesquisa e futura tese de doutorado a partir da relação com indígenas da Retomada na floresta estadual de Piraquara na região metropolitana de Curitiba, considerando territorialidade, relação com a natureza e relação com o Estado.

A precariedade do presente projeto é proveniente de uma mudança na temática a ser pesquisada para a tese do doutorado e oportuna para a reelaboração dos pensamentos; contudo pretendo considerar parcialmente conteúdos já estudados e vivenciados em outros campos de pesquisa, além de vislumbrar uma problemática refletida em outras etnografias (como relação com o Estado, conflitos de interesses e territorialidade) e que orbitam de forma paralela aos temas pretendidos (como Direitos Humanos).

Inicialmente este projeto de pesquisa foi pensado como sendo uma opção de campo transversal ao projeto principal de doutorado no qual o objetivo seria realizar uma etnografia sobre a alimentação Warao no Brasil e suas relações com a saúde pública. O presente projeto pretende através da pesquisa etnográfica observar as etnias indígenas na Floresta Estadual de Piraquara na região metropolitana de Curitiba e o desenvolvimento da chamada “Retomada”, formas de organização, levantamento histórico e a relação com o Estado.

### 2. JUSTIFICATIVA

Dia nove de agosto de 2023, mesma data que se comemora internacionalmente o dia dos povos indígenas e ou tradicionais, também é a data comemorativa dos dois anos da chamada “Retomada”, na floresta estadual de Piraquara. Estive nos dias nove e dez de agosto recente para confraternização, celebração e encontros com diversas pessoas ligadas ao movimento indígena local. Pessoas da agroecologia, funcionários públicos do Instituto Água e Terra (IAT – órgão/secretaria vinculados ao estado do Paraná), estudantes de graduação (geografia, história, sociologia), estudantes do ensino médio,

etc. Além de parentes e amigos de outros territórios indígenas que lá estiveram em apoio a Retomada.

Dois anos atrás eles chegavam a uma área de preservação ambiental (APA) intitulada Floresta Estadual de Piraquara, próxima a represa do rio Iraí. O local estava degradado e abandonado, com algumas estruturas prediais administrativas da época do governo estadual de Jaime Lerner que também se encontravam em desuso. O território se situa as margens de rodovias a BR 116 (Contorno Leste) e a PR 506, que é a continuação da Rodovia Deputado João Leopoldo Jacomel (PR 415).

Quando chegaram, improvisaram um acampamento em um local próximo 1km da maior construção, uma espécie de prédio administrativo local. Ali, rodeados de árvores não nativas de eucaliptos, pouca vegetação típica da região, eles ficaram 47 dias até que a mulher responsável do Instituto Água e Terra (IAT) trouxesse a autorização para permanência, foi quando se mudaram para o prédio da administração e iniciaram outras construções nos arredores. Hoje há mais umas cinco casas ao redor da principal, entre elas uma cozinha comunitária e um espaço coberto com uma churrasqueira. Meus interlocutores ainda ressaltam que há menos de 30% de mata nativa mas que há uma vastidão de árvores de eucaliptos e pinos, que não são nativas da região e por essa razão impossibilitam outras vegetações nativas a se desenvolverem aos seus arredores. Há nascentes e córregos que também se encontram poluídos, com saídas clandestinas de esgotos em locais próximos; águas que deságuam na represa do rio Iraí e posteriormente necessitam de tratamento para abastecer parte da região metropolitana de Curitiba assim como seus bairros da região próxima.

Há uma diversidade étnica, sendo que é possível observar uma maioria Guarani (Nhandeva), há Kaingangue, e também tucano. Por intermédio da liderança local, soube dessa multiplicidade étnica, assim como os casamentos exogâmicos e muitas crianças mestiças. Um total de 42 pessoas, sendo que dessas 16 são crianças/adolescentes.

Ainda considero em uma fase inicial de pesquisa de campo, por isso não há informações mais profundas sobre todo o contexto contudo o que há de relevante nessa realidade da Retomada é a forma de organização política e social dentro do território no qual as lideranças nomeiam como o “bem viver indígena<sup>1</sup>” o *Nhanderekó*. Outros

---

<sup>1</sup> Para Bartomeu Melià o “*Teko porã*: formas do bom viver guarani, memória e futuro”: Entre as numerosas qualificações que recebe o *teko* está o *teko porã*. É um bom modo de ser, um bom estado de vida, é um “bem viver” e um “bom viver”, mais sentido que filosofado. É um estado venturoso, alegre, contente e satisfeito, feliz e prazeroso, agradável e tranquilo. Existe bom viver quando há harmonia com a natureza e com os membros da comunidade, quando há alimentação suficiente, saúde, paz de espírito.

autores da antropologia conceituam o *nhanderekó* também como sistema Guarani, atrelando a sua prática como um “bem viver”. Para Sandra Benites (2018) *nhandereko* (sem a acentuação), é o modo de ser e viver coletivo dos Guarani. Já para Tônico Benites um *ñande reko*, um “nosso modo de ser”, sempre será um contraposto ao *karai kuera reko*, modo de ser do não-índio. Conforme Nádia Heusi Silveira (2016) a antropologia no Brasil diferencia os Guarani que vivem em território brasileiro entre Nhandéva (ou Chapirá), Kaiowá e Mbya, no qual cada uma possui suas peculiaridades linguísticas, critério que é bastante criticado devido as outras parciaisidades como contextos, territórios, políticas e cosmologias. Com isso, inserida na cosmovisão Guarani, o *nhanderekó* nessa especificidade da retomada em Piraquara possui uma amplitude conceitual para abranger a organização e principalmente, para que se torne democrático as decisões tomadas coletivamente. Tendo as lideranças, jovens ou uma criança o mesmo respeito nas tomadas de decisão e votação para questões pertinentes a gestão do coletivo, sendo decisões horizontais.

O que se relata é a discordância em uma forma de organização vertical, conforme trazidas pelos colonizadores europeus para a obtenção de maior controle dos territórios conquistados e das pessoas que ali vivem. Conforme Tônico Bentites (2009):

Temos que considerar também o fato de que a tradição indígena opera sempre numa determinada situação histórica (Oliveira, 1988), caracterizada por uma assimetria que incorpora os indígenas dentro de formas de dominação específica, legitimada e permitida pelo Estado-Nação brasileiro.

A partir desse ponto de vista é que eles decidiram retornar as origens nas funções organizacionais e políticas. Conforme uma pesquisa recente “Interação ambiental como resistência e emancipação, com base no Nhandereko (Bien Vivir) Mbya Guarani, de Renata da Silva Gerhardt Pereira (2019), no Programa de PósGraduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, PROFCIAMB, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais, se observa a amplitude do termo *Nhandereko* que por outras muitas interpretações se resume ao sistema Guarani:

O Nhandereko realmente se consolida como o Bem viver Guarani, forma de vida esta, que acontece na tekoa (aldeia) como um lugar de afirmação da identidade originária, seu relacionamento com a natureza e a compreensão de que estão na mesma condição. Sua relação com a terra é uma relação com a vida. O Bem Viver está em sua forma de aprender e de ensinar dentro da família e na comunidade, tendo a opy (casa de reza) como o centro do ensino, das suas crenças, da sua religião, da sua cultura. Através do valor da palavra, transformam e ressignificam seus espaços.

A Construção simbólica proporcionou o reconhecimento e a construção de um mundo cheio de significados construídos e comum entre os viveres Guarani. Dessa pesquisa, a compreensão do relacionamento entre os Mbya

Guarani, deles com a natureza e do Nhandereko (jeito de ser Guarani) possibilitando essa união. Também o entendimento de como é a pedagogia Guarani atuando com a natureza, e de como dão significados ao espaço físico em que vivem. Ajudou também a relacionar o Nhandereko com o Bem Viver o qual permite ter um relacionamento responsável com a natureza.

A pesquisa ampliou a forma como o Nhandereko (jeito de ser Guarani) termo em Guarani referente ao bem viver, possibilitou dignidade e resistência, onde a Tekoa é um local de afirmação da identidade originária, ao mesmo tempo que capacita as pessoas para a convivência com as ideologias e características culturais e sociais circundantes.

Nas redes sociais eles nomeiam como a região como Território Sagrado Floresta Indígena Estadual Metropolitana de Piraquara PR. De acordo com os indígenas toda a região do município de Piraquara e também região metropolitana de Curitiba deveriam ser territórios indígenas, locais ancestrais de moradia e vivências no qual restam os nomes de etimologia indígena e resquícios/vestígios arqueológicos. Há relatos de indígenas mais velhos de várias narrativas acerca dos territórios e utilização mas há também luta constante sobre territorialidade e principalmente um discurso de repúdio a PL 490/2007 que atualmente tramita pelo poder legislativo, que pretende regulamentar o art. 231 da Constituição Federal, para dispor sobre o reconhecimento, a demarcação, o uso e a gestão de terras indígenas; e altera as Leis nºs 11.460, de 21 de março de 2007, 4.132, de 10 de setembro de 1962, e 6.001, de 19 de dezembro de 1973; a partir de um marco temporal do ano de 1988. O Projeto transfere a competência para demarcar terras indígenas que é feita atualmente pela Funai para o Poder Legislativo.

Para Clovis Antonio Brighenti em “Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados Nacionais”, há uma necessidade de demarcações para a população Guarani sobretudo pelo *tekohá*<sup>2</sup>, se não existiria *teko*. Ou as condições de espaço e qualidade de vida Guarani. Entretanto o autor descreve a realidade da luta e a “consciência das limitações da propriedade particular” e as implicações da submissão as legislações quanto aos territórios pretendidos. No entendimento de Nádia Heusi Silveira (2016) a relação entre a terra, território e a qualidade vida Guarani:

Quanto à degradação ambiental, ela também é inextricavelmente ligada a esse enfraquecimento do corpo social, uma vez que os Kaiowá e os Guarani têm uma relação profunda e essencial com a mata e seus elementos. Sua concepção cosmológica do mundo, o xamanismo e a reprodução social passam por essa relação. É ilustrativo que Eliel Benites, um intelectual Kaiowá, numa palestra em que explicava sobre cosmologia, referiu-se a essa “relação com a natureza” (nas palavras dele) como o que caracteriza o *teko* Marangatu, um conceito que qualifica o bem-viver, o qual Melià et al. (2008) traduzem como “modo de ser religioso”. O que podemos entender também

---

<sup>2</sup> Para Brighenti, o que define *tekoa* como “o lugar onde se dão as condições de possibilidade do modo de ser guarani” (Meliá, 1990, p. 36). Segundo ele: “O *tekoha* significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa essenciais para a vida guarani...”, concluindo, “O *tekoha* é uma inter-relação de espaços físico-sociais”.

como as práticas xamânicas que dão unicidade a aspectos econômicos, rituais, políticos e sociais na constituição de um *tekoha*. Mas, qual é a paisagem ambiental de que dispõem os Guarani e Kaiowá atualmente?

Por fim, é possível observar a necessidade da demarcação territorial, consolidando a região da APA da floresta estadual de Piraquara como território indígena, verificando para além dos vestígios arqueológicos das proximidades mas também analisando as narrativas passadas de geração em geração e há que se pesquisar as formas de organização política e social assim como a relação deste coletivo indígena com o Estado através do viés cosmológico do *nhanderekó*.

### 3. OBJETIVOS

#### 3.1 OBJETIVOS GERAIS

Realizar uma pesquisa etnográfica com a população indígena na região metropolitana de Curitiba, observando e compreendendo a relação com o Território Sagrado Floresta Indígena Estadual Metropolitana de Piraquara PR, a relação com o Estado em várias esferas, principalmente acompanhando o desenvolvimento e legalização da demarcação do território no qual eles já fazem usufruto, a criação de novas políticas públicas voltadas aos indígenas locais e também ao desenvolvimento ambiental sustentável, suas possíveis adequações e principalmente a relação político/social no aspecto e instrumentalização do *nhanderekó*.

#### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Por que Piraquara?

Entender qual a origem/local de onde vieram? Assim como os motivos pelo qual tiveram a saída/deslocamento.

Investigar como se agruparam nesse grupo/coletivo?

Analisar as diversas relações com o Estado, sobretudo na demarcação da área no qual estão reivindicando.

Compreender a amplitude do conceito/significado através da cosmovisão Guarani do termo *nhanderekó* e como é instrumentalizado socio politicamente no território da retomada.

### 4. METODOLOGIA

Através da pesquisa de campo e a etnografia pretendo vivenciar com a população da Retomada na floresta estadual de Piraquara, vivenciar eventos, reuniões, mutirões, etc. para a compreensão da cosmovisão (em um pensamento multiétnico local) sobretudo o macro conceito do *nhanderekó* (e todas as suas influencias socio políticas, transpassando nas relações com o Estado, organização social, território, lutas por direitos diversos/Direitos Humanos, seus efeitos simbólicos e práticos). Destaco ainda a importância de um complemento nos estudos bibliográficos referentes não somente as cosmovisões Guarani/Kaingang mas também de suas lutas e relações com o território (em sentido amplo).

## 5 CRONOGRAMA

Campo e pesquisa bibliográfica no segundo semestre de 2023, continuidade ao campo no ano de 2024 e a escrita etnográfica no segundo semestre de 2024.

## BIBLIOGRAFIA

- BENITES, Sandra. 2018. **Viver na língua guarani nhandewa (mulher falando)**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BENITES, Tonico. 2009. **A escola na ótica dos ava kaiowá: impactos e interpretações indígenas**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra: Presença Guarani e Estados Nacionais**. Florianópolis/Chapecó: Ed. UFSC/Argos, 2010.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das letras. 2019.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras. São Paulo. 2020.
- MELIÁ, Bartolomeu. **Teko porã: formas do bom viver guarani, memória e futuro**. In: Diálogos com os Guarani: articulando compreensões antropológicas e indígenas. Editora da UFSC. 2016.
- PEREIRA, Renata da Silva Gerhardt. **Interação ambiental como resistência e emancipação, com base no Nhandereko (Bien Vivir) Mbya Guarani**. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências

Ambientais, PROFCIAMB, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais. 2019.

SILVEIRA, Nádía Heusi. **Discriminação, impasses sociais em Mato Grosso do Sul e o bem-viver kaiowá e guarani.** In: Políticas públicas: reflexões antropológicas. Langdon, Esther Jean (Org.); Grisotti, Márcia (Org.). Editora da UFSC. 2016.

SILVEIRA, Nádía Heusi (Org.); Melo, Clarissa Rocha de (Org.); Jesus, Suzana Cavaleiro de (Org.). **Diálogos com os Guarani: articulando compreensões antropológicas e indígenas.** Editora da UFSC. 2016.